

OS ERVAIS DE SELVA TRÁGICA: UMA VIA DE MÃO ÚNICA – DEGRADAÇÃO E MORTE

Jesuino Arvelino Pinto (UNEMAT)¹

Resumo: O propósito deste trabalho é realizar uma abordagem da relação Literatura e Vida Social em **Selva Trágica**, que traz como subtítulo “a gesta ervateira no sulestematogrossense”, constituindo-se um testemunho de época, a história dos ervateiros do Mato Grosso e da fronteira Oeste do Brasil, dessa forma a obra oferece interpretação ficcional da possível História dos trabalhadores da Companhia *Matte Larangeira*. A partir de um eixo social, desvela-se a trama das relações que subjagam o Homem. Para o homem comum, a constante preocupação com a morte tem traços mórbidos. Assim, ele desviará a atenção da morte, especialmente em seus aspectos mais desagradáveis, sempre que o espectro da morte se introduzir em sua consciência.

Palavras-chave: Literatura social; Narrativa de tensão; Hernâni Donato; **Selva Trágica**

No conjunto da produção literária de Hernâni Donato, percebe-se a predominância de narrativas que traçam o percurso do homem preso a um espaço que faz dele um ser colado à paisagem social e submetido a leis que anulam seus sonhos, utopias e capacidade de libertação, impedindo-o de se realizar em sua plenitude humana. As personagens desses romances lutam contra as pressões da natureza e do meio social, para elas a liberdade é algo impossível de se alcançar, embora seja um sonho coletivo. Sofrendo pressões socioeconômicas de um sistema capitalista, que escraviza e dá sustentação à relação opressiva entre dominadores e dominados, os protagonistas de **Selva Trágica** (1959) vivenciam relações de oposição entre grupos e experimentam situações trágicas, bem como a degradação humana.

Ao considerar que as instâncias da Literatura e da História acentuam a possibilidade de assimilação pela obra literária do contexto histórico em que ela foi produzida, percebe-se que a relação entre ficção e realidade constitui um dado inalienável ao próprio processo de criação artística. A obra é, portanto, uma configuração estética do mundo, criada pelo escritor com base num sistema simbólico de representação do real, o que nos faz pressupor que esta narrativa de Donato gira em torno de um eixo social e denuncia a trama das relações que subjagam o homem, expondo-o à dominação e à exploração perversas; e o localizam no centro das lutas desiguais de classes.

¹ Graduado em Letras (UFMS), Mestre em Estudos literários (UNESP) e Doutor em Estudos Literários (UNEMAT). Contato: jesuino@unemat.com

Nos ervais representados, no romance **Selva Trágica**, como o Bonança, e citado, como o da Tormenta, as taxas de mortalidade são expressivas, o que acarreta a sensação de banalidade e até mesmo de familiaridade com a presença constante da morte, Marin (2010) observa que as reações diante dos momentos fúnebres demonstram a falta de medo, rancor, tristeza, dor e desespero. Os indivíduos se mostram resignados diante da vida nos ervais, assim como, a desesperança em relação ao futuro leva-os a acreditarem que a morte seria o destino de todos os homens e mulheres, o que gera a crença na continuidade da vida após a morte. “A perda de um ente querido ou de uma pessoa conhecida não era vivenciada como uma separação inadmissível e nem era inominável” (MARIN, 2010, p. 163). Ainda segundo o estudioso, em **Selva Trágica**

A morte representa uma ruptura ao libertar o homem do mundo irracional, violento e cruel. Todos eram mortais e podiam morrer a qualquer momento e todos sentiam a morte próxima. Por ser frequente e sua presença sempre iminente, não era apavorante nem obsessiva. Era familiar, um destino de todos os homens, apesar de não ser desejável morrer nos ervais. Ali, morrer era uma recompensa e não algo lúgubre. Os sobreviventes aceitavam a morte do outro e não temiam a própria morte. (MARIN, 2010, p. 163)

A abordagem da morte na narrativa considera que diante dela pode surgir a eloquência, mas não o saber, pode surgir o arrebatamento, mas não o conceito. A morte compele o homem ao silêncio, pois ele sente cortada a palavra e ultrapassado o repertório de conhecimentos que fundamenta os juízos e conceitos humanos. A morte, portanto, deve ser esquecida para que a presença continue em sua atividade de descobrir o mundo e a ele dar significado.

Para o homem comum, a constante preocupação com a morte tem traços mórbidos. Assim, ele desviará a atenção do fato da morte, especialmente em seus aspectos mais desagradáveis, sempre que esse fato se introduzir em sua consciência. Nas atividades cotidianas, não há lugar para reflexões sobre a transitoriedade da vida, porque o dia-a-dia é repleto de trabalhos e ações que pressupõem sempre o tempo futuro. Segundo Heidegger (2002), a vida prática cotidiana exige, pois, o "esquecimento" da morte e, para tanto, o homem a "despersonalizou", fez dela um fenômeno puramente biológico ou social, recusando-se a meditar sobre aquilo que é uma experiência à qual todos os seres se submetem individualmente.

No cotidiano, o homem insiste no aspecto ocasional da morte, por isso, ela está quase sempre associada a acidentes e doenças, o que revela a tendência humana para abstrair da morte o seu caráter de necessidade, tornando-a um evento imprevisto. A tendência humana para fugir ao pensamento da morte foi assim assinalada por Heidegger: "No domínio público, 'pensar na morte' já é considerado um temor covarde, uma insegurança da *pre-sença* e uma fuga sinistra do mundo. O impessoal não admite a coragem de se assumir a angústia com a morte" (HEIDEGGER, 2002, p. 36). De fato, "assumir a angústia com a morte", tê-la presente em todo o percurso da vida, inscrevê-la como a mais certa e iminente possibilidade não traz como consequência o seu desvendamento. Ao contrário, tais ações significam incitar o destino implacável, deslumbrar o cotidiano com nuvens fúnebres. Para fugir da morte, o homem a transforma numa ocorrência que diz respeito aos outros, o que lhe traz a evidência de que a vida necessita ser usufruída. Heidegger (2002) denominou como "decreto silencioso" a tendência humana em escamotear o pensamento sobre a morte.

O sentimento do trágico encontra-se na maneira como os ceifadores convivem com a morte e a encaram. Ela ronda suas vidas diariamente. Vivem em uma verdadeira corda bamba, sob tensão constante ao terem que transportar nas costas um raído de erva-mate de 200 quilos. Quando acontece um acidente, a morte é certa. Eles sabem que não há outro meio, não há hospitais, nem se cogita a ideia de cura. Fala-se em morte, de forma banalizada.

Em **Selva Trágica**, temos o relato de um acidente com um mineiro jovem e inexperiente que, ao carregar um raído de cento e cinquenta quilos, perde o equilíbrio ao torcer o pé e quebra a coluna vertebral. Depois horas de muito sofrimento e agonia, o cunhado segue até a sede da Companhia e implora a Curê, administrador do rancho Bonança, que o matasse, que o livrasse daquela agonia, pois a morte seria uma caridade naquela situação. Nos ervais, o costume era dar um tiro de misericórdia no moribundo, abreviando seu sofrimento, caso a morte demorasse a chegar. No mundo dos ervais, segundo as leis da Companhia, todos os familiares do acidentado tinham que trabalhar e não poderiam dispensar qualquer tempo com cuidados que exige um tetraplégico, além do fato de não disporem de recursos para sustentar um indivíduo improdutivo. Dessa forma, matá-lo resolveria um problema de difícil solução, tanto para a família como para a empresa, e permitiria o descanso eterno.

Mesmo a morte sendo inevitável, necessária e urgente, para Curê a situação era um aborrecimento, considerando a escassez de mão de obra. Foi resolvido no baralho qual dos funcionários de confiança da Companhia seria o executor: aquele que pegasse a carta do baralho com o menor valor seria o responsável em realizar a tarefa. O serviço recaiu sobre um ajudante que foi acompanhado pelo cunhado, pois sua esposa recomendara que fechasse os olhos e rezasse. Familiares e amigos do moribundo bebiam e rezavam enquanto aguardavam o “tiro de graça”:

- Era bom. O anjo da guarda lhe pegue...
 - ... e leve pro colo da Virgem...
 - ... que é a Mãe de todos nós...
 - ... pra glória do Divino Filho...
 - ... que é o pai de todos nós.
- Até ouvirem o turo de graça, lá em cima, no tape. Ouviram e disseram:
- Amém! (DONATO, 1976, p. 22-23).

Sem acesso a qualquer assistência médica, quando ocorria alguma enfermidade nos ervais o que reservava aos trabalhadores era aguardar a morte, que sempre estava a espreita, violenta ou natural, nunca falhava. Nenhuma personagem permanecia muito tempo no leito, a morte a surpreendia nos momentos mais inesperados, e poucos eram advertidos por sinais de que o fim se aproximava. Nos ervais, não havia motivos para que os moribundos prepararem-se para os instantes finais nem para os cerimoniais tradicionais, eram desprovidos de bens e, em sua maioria, até mesmo de família. A presença da morte e sua certeza não mais os assustavam ou amedrontavam, dada a convivência constante que os familiarizava e resultava em sua aceitação, pois significava alívio, ao encerrar um ciclo de sofrimentos e dores. Os limites entre a vida e a morte, no mundo dos ervais, eram tênues, por isso para os fugitivos antes a morte do que serem capturados, todos admitiam e aceitavam a morte de forma serena e aguardavam a qualquer momento para retirá-los daquele inferno. Os ervateiros, incluindo os Changa-ys, afirmavam que a empresa *Matte Larangeira* controlava tudo no “país da erva”, inclusive o governo e a polícia, e não mandava, ainda, nas “coisas de Deus” (DONATO, 1976, p. 88).

Em **Selva Trágica**, a morte nos ervais é descrita de forma banal, sem demonstração de sentimentos ou afetos, totalmente apática, o luto não é respeitado. O

velório, quando ocorria, era muito simples sem lamentações; tudo se encerrava com o enterro. Esse esvaziamento de sentido não se devia a uma indiferença em relação à morte e aos mortos, mas às imposições da *Matte Larangeira*, que desumanizavam os homens e os embruteciam.

Esta conduta acarreta uma adaptação ao sentido da palavra velório, que deriva de “velar” e detém, entre outros significados, passar a noite acordado, em vigília. A cerimônia funciona como uma despedida da pessoa que morreu, levando em conta que biologicamente a morte para tudo, mas que culturalmente ela aparece como passagem. Os rituais que cercam a morte são importantes para os indivíduos próximos da pessoa que falece, assim como para a sociedade. Porém, nos ervais as atitudes diante da morte eram restritas a uma oração, a comentários sobre a bravura e honradez do falecido, ao atendimento de um pedido do moribundo e ao ato de venerar o morto com as gestualidades de retirar o chapéu, de não permanecer diante do falecido com o corpo desnudo e de manter o silêncio.

Um dos relatos que impressiona é o momento da morte do velho Boppi, respeito pela sabedoria adquirida pela longa experiência. A morte do velho Bopi resulta da consumação da vida em consequência do trabalho rude na colheita da erva mate, que abrevia a vida útil, provoca o envelhecimento precoce. Assim como a maioria dos trabalhadores, não possuía família nos ervais. Nos momentos finais, foi assistido por Pablito (DONATO, 1976, p. 115) e, posteriormente por Zola, que constata a morte iminente de Bopi e lastima seu destino. A mulher solicita que Pablito avise aos demais. Pablito, hesitante, não obedece, e Zola o repreende: “Deixe o Bopi comigo. Ninguém melhor que mulher pra ajudar um homem a morrer.” (DONATO, 1976, p. 116). Estar com uma mulher nesse momento derradeiro era a morte mais desejada pelos homens. Zola acariciou os cabelos e a face do moribundo e preocupou-se em fechar seus olhos após o último suspiro. Não foi o primeiro nem o último que ela teve de acompanhar nos momentos finais (DONATO, 1976, p. 115-116).

Após a constatação da morte, chegaram as mulheres, porque os homens estavam trabalhando. Ao se aproximarem do falecido, olhavam-no e, em sinal de respeito, enrolavam-se no xale para não deixar o corpo à mostra. Em seguida, passaram a falar de tudo que sabiam a respeito dele, tecendo elogios, espécie de orações fúnebres em sua homenagem. Ninguém tocou no corpo até a chegada dos capatazes, que reviraram o

corpo em busca de um revólver que se encontrava com Bopi e que não havia sido devolvido após a monteada. Os ervateiros, após chegarem, se agruparam ao lado das mulheres e passaram a falar tudo o que sabiam de bom a respeito do falecido. Mas diante da morte, transparece a indiferença; os administradores demoravam em decidir sobre o enterro, todos se irritaram, pois estavam cansados e doloridos e “não podiam empregar o seu tempo de descanso cuidando de um morto! Continuavam vivos e havia um resto de mina para cortar, o que exigia estivessem descansados pela manhã. Para Bopi terminara tudo.” (DONATO, 1976, p. 117). Ele teria toda a eternidade para descansar, deitado com o rosto voltado para o céu e ninguém iria impor um ritmo de trabalho para produzir mais em menos tempo.

Esta cerimônia deveria ser breve e discreta, pois o tempo regulamentar do falecido tinha acabado e os vivos precisavam administrar o seu tempo. Zola, que tinha se retirado para longe do corpo, aguardou até que todos dissessem o que conheciam de agradável acerca de Bopi e, triste, retirou-se do local. Os mineiros também se retiraram, pois cabia à administração do rancho Bonança enterrar o corpo. Posteriormente, Zola avistou os mineiros carregando o corpo. Em sinal de respeito, aguardou que passassem com o corpo enquanto ocultava os ombros desnudos com as mãos.

Além da morte instantânea ou solicitada, há a morte lenta, que tolhe progressivamente as forças vitais, que definha diariamente, de forma trágica e estarrecedora, o trabalhador. É desta forma que ocorre a morte Curãturã, precocemente, como acontece com todos que desempenham a função de uru, devido à insalubridade dos trabalhos que exercia no barbaquá. A unidade de do processo de produção, concentra a atividade especializada de torrar a erva-mate exigindo, assim, que eles permanecessem em contato com o fogo, inalando fumaça permanentemente. A poluição e os choques térmicos causavam doenças respiratórias, que abreviavam sua vida. Curãturã, o torrador de erva-mate no Rancho Bonança, no estado em que se encontra, sabe que a qualquer momento morrerá e não espera mais nada da vida, a não ser os prazeres mundanos. O seu trabalho intenso de quarenta e oito horas torrando a erva no barbaquá, sugou-lhe a vida, deixando-o vulnerável à morte:

[...] Então começa a respirar fumo e resina, a ser defumado em suor e fumaça. Primeiro a gordura depois as carnes, a saúde, escorrem pelo corpo, dia e noite, feito suor. Nenhum pêlo lhe fica grudado

no corpo, nem saliva na boca, nem dentes na gengiva, nem lágrimas nos olhos. Vai sendo cozido dia a dia; os intestinos acabem secos e mortos, envenenando o corpo; o estômago ácido, os pulmões cavernados, as veias saltadas, os olhos afundados. E dia e noite, com forquilha nas mãos, remexendo erva. Começa a sofrer uma sede tão grande que até faz dor, queima, atordoa. O remédio é beber. Isso, menino, isso é um uru. Você pensa que pode ser rei? (DONATO, 1976, p. 33-34)

O uru Curãturã aceita passivamente a sua morte, não questiona a falta de segurança no seu trabalho, não se rebela contra os maus tratos praticados pela Companhia, sequer se revolta com o seu fim trágico, depois de muito definhar. A indiferença da Companhia causa o estranhamento dos mineiros, como desabafa Aguará: “– Pois é como ele pediu a Deus de encomenda. Mas o que me põe azedume na saliva é ver que ninguém da Companhia se importa com o fim do uru. Ele se acaba que nem uma das mulas da arraia.” (DONATO, 1976, p. 174)

Em seus momentos finais, Curãturã conta apenas com a atenção e assistência de seu aprendiz Aguará e Zola. Enquanto o enfermo arfava em gemidos, Zola consolava Aguará, ao afirmar que todos os urus tinham esse fim: “É como é! Chegou o minuto do Curãturã” (DONATO, 1976, p. 174). Durante o tempo de espera pela chegada da morte, Zola teme as incertezas do seu destino sem Curãturã, pois sabe que nenhum homem iria desejá-la como companheira. Aguará, por sua vez, vivencia a morte de Curãturã como um alívio, pois estará livre para seguir seu destino. Não se sentia triste, pois “esse era o fim dos urus. Um dia, mais adiante, esse também seria o seu. Nem o velho nem ele quereriam outro fim.” (DONATO, 1976, p. 195). Apiedava-se apenas de Zola, que estaria condenada à solidão, devido à idade e profissão. Ele sonha em casar-se, em trabalhar como foguista e, posteriormente, como uru. A morte de seu mestre tornava-o um homem, simbolizando a morte do pai e liberdade e poder do filho. Esquecia, porém, que não teria um futuro diferente dos outros homens dos ervais e dos urus (DONATO, 1976, p. 174-175). Em sua oração, Aguará lembra tudo o que sabia de bom a respeito do falecido: um Curãturã que cantava no serviço, que ensinava a trabalhar e que apreciava as coisas boas da vida (DONATO, 1976, p. 194-195).

Encerrando as orações e após recordarem tudo a respeito do falecido, como era o costume nos ervais, Zola e Aguará vestem uma camisa limpa no falecido e atendem seu último desejo, que era o de limpar suas orelhas para que pudesse ouvir o “demônio

chamar o seu nome!” (DONATO, 1976, p. 195-196). Eles enterram Curãturã a sós, e ninguém da *Matte Larangeira* lamenta sua morte. Devido à mudança da rancharia para outro lugar, não havia ninguém para velá-lo. O luto resumia-se à tristeza de Zola, que, como Aguará, aceitava sem dificuldades sua morte.

Em outro momento da narrativa ocorrem duas mortes, parte do plano de sobrevivência de um ervateiro: um capanga e um fugitivo são conduzidos à morte, são sacrificados para que Augusto, prossiga em sua fuga. Audacioso e frio, Augusto planeja o sacrifício de um companheiro para facilitar o seu escape. Inconformado com a vida e exploração do erval, ele tenta convencer o amigo Pytã a fugir com ele, mas o mineiro não aceita a proposta. Augusto convence então dois companheiros, um não passa de um garoto, um rapazola, o outro tem o mesmo porte que Augusto e são amigos. Mas, como Augusto previa, durante a empreitada da fuga, foram alcançados pelos comitiveiros, comandados por Casimiro, pouco antes de chegarem ao rio. Preparado para isso, Augusto faz uma manobra, traindo seus companheiros de fuga, que acabam caindo no meio dos caçadores – um é morto, como um caçador inexperiente, o outro, o garoto, é arrastado para o castigo. Quebram-lhe os ossos para servir de exemplo aos que pensam em fugir do erval. Assim, Augusto consegue esconder-se e não ser apanhado. De forma inescrupulosa, Augusto se safava da morte e dá continuidade à fuga (DONATO, 1976, p. 84-86).

Segundo a tradição estabelecida pelas regras da Companhia, os corpos dos fugitivos, quando capturados e mortos, eram expostos em locais estratégicos para se decompuser, servindo de lição aos demais trabalhadores que, por ventura, viessem tentar a fuga; por isso ficavam à mercê dos animais, das aves e intempéries do meio. Nesse sentido, a *Mate Larangeira* pretendia mobilizar o imaginário dos ervateiros a seu favor, ao fazer com que aceitassem suas leis e as condições de trabalho impostas, sem qualquer resistência. Se fugissem e fossem capturados e mortos, sem um sepultamento cristão, estariam condenados a vagar eternamente, sem descanso. A sepultura e o enterro dos cadáveres eram valorizados como meio de familiarizar e de civilizar a morte.

Segundo as leis da Companhia *Mate Larangeira* não era permitido que os fugitivos fossem enterrados, condenando-os a vagar eternamente. Entre os fugitivos, apenas um teve o privilégio de ser enterrado. Pablito e Flora fugiram e foram

perseguidos, pois fugir não tinha perdão nos códigos dos ervais. Flora foi recapturada, e Pablito assassinado. Casimiro, seu perseguidor e executor, desejou que seu Anjo da Guarda estivesse por perto para resgatá-lo. Diante do corpo, ressaltou sua coragem e valentia por morrer pela mulher de sua escolha. Essas qualidades justificaram seu enterro e uma breve oração:

– Santo Anjo do Senhor, ó zeloso guardador...
Os outros seguiram conforme o aprendido na igreja da infância:
–...nas mãos tomai e nas de Jesus pousai as almas que andam por aqui.
Amém! (DONATO, 1976, p. 187).

A indiferença à morte aparece também no quadro em que se relata a morte de uma menina, filha de um batedor de erva-mate. Indiferença dos administradores do rancho com a dor do trabalhador. Durante o velório, as pessoas conversam muito, bebem e dançam diante da morte, num misto de dor e libertação, revelando uma cultura diferente e bizarra. O importante para eles é que, pelo menos, esta menina está livre da vida trágica dos ervais (DONATO, 1976, p. 96-97)

Apenas neste caso houve um velório organizado pela família, ao qual compareceram alguns amigos e conhecidos. A emoção, o choro, a dor apaixonada, a tristeza, a intolerância da separação e as lembranças eram substituídas pelo compromisso em agradar os presentes, que dispensaram um tempo naquela vida trágica para a despedida da menina. As bebidas, a comida, a música e a dança davam a cadência ao evento festivo. O corpo, cercado de velas, tornava-se secundário e pouco comovente, exceto para os familiares. Durante o baile, a escassez de mulheres tornava a mãe da falecida a mais desejada pelos homens para dançar (DONATO, 1976, p. 95). O velório, como uma reunião festiva e religiosa, banuiu a tristeza e o luto.

Assim, Donato descreveu o velório como uma invenção inédita, resultado das condições desumanas e trágicas dos ervais mato-grossenses. Organizar um velório implicava em custos elevados para os ervateiros, com os quais nem todos podiam arcar, devido ao endividamento constante e ao alto custo de vida. Todos os produtos deveriam ser adquiridos na venda controlada pela administração do rancho, que os revendia com preços exorbitantes. O velório é um ritual que proporciona aos vivos a oportunidade de despedirem-se do morto, pois há a preocupação de guardar viva sua memória. Além

disso, a cena do velório, apesar da adaptação no mundo dos ervais, não deixa de descrever o sofrimento da família, ao mesmo tempo em que representa as relações de parentesco, de vizinhança, de simples formalidade social, que se cumprem.

Verifica-se que a morte é considerada como alívio, como uma libertação, “Para o Bopi terminara tudo. Já podia ficar o tempo da Eternidade deitado no barro, arroxeadado, rosto voltado para o céu. Ninguém viria lhe dizer o que fazer, como fazer, e que devia trabalhar mais depressa, produzir mais erva.” (DONATO, 1976, p.117), mas também é sacrifício.

As cerimônias fúnebres são abreviadas, o luto é superado após a morte, com o enterro e com o curusu-paño, lenço, que faz uma alusão ao sudário de Jesus Cristo, à sua morte e ressurreição; colocado nas santas cruzes de veneração e nas de identificação do túmulo (DONATO, 1976, p. 22), dispensando a oferenda de velas e flores para os mortos. Eles deveriam ser substituídos periodicamente, porém a mudança constante dos ranchos para outros locais impedia que essa tradição fosse mantida, muitas vezes “Do toco pende um trapo encardido” (DONATO, 1976, p. 22),.Esses poderiam ser feitos de crochê ou tecidos variados e eram colocados na cruz, dando-lhe a volta e cruzando-se na frente, onde era preso com laços, broches, flores, fitas ou sem enfeite algum. De acordo com a cor, tamanho e detalhes que continha era possível identificar o gênero, idade e a causa da morte.

As cruzes cravadas nos caminhos eram testemunhas silenciosas de mortes violentas provocadas pelos comitiveiros, simbolizava as os homicídios dos fugitivos dos ervais. Um dos funcionários do rancho Bonança, Isaque, confessa à personagem Flora que conhecia várias maneiras de matar, pois, indiferente, sem culpas, encarando como um cumprimento de mais uma ordem como outra qualquer, tinha matado muitas pessoas pelos ervais que passara a mando da *Matte Larangeira*:

– Eu podia ajudar nisso de morrer. Arranjei morte pra muita gente! Sei uma porção de modos pra ajudar uma pessoa a morrer! E ninguém perguntaria coisa que fosse. Porque nunca se viu mulher como você recusar homem como eu! Já lhe disse, pois não disse, que o Pablito se acabou pra você?! (DONATO, 1976, p. 120).

Em **Selva Trágica**, não se tem referência a cemitérios, nem relatos como ocorriam os sepultamentos. Percebe-se a indiferença em relação aos corpos,

predominava o anonimato das sepulturas, a localização exata da sepultura tinha pouca importância, apesar de haver, algumas vezes, a preocupação em indicar a localização com uma cruz. A única identificação era o curusu-paño, que deveria ser trocado com frequência. Essa falta de sensibilidade religiosa diluía-se pelo fato de que, nos ervais descritos em **Selva Trágica**, cada um tinha de tomar conta de si, constituindo a individualidade.

A situação trágica do homem nos ervais faz com que ele tome atitudes monstruosas e veja a morte como uma realidade circundante, que pode chegar a qualquer momento, da forma mais inusitada possível. Por meio de acidentes previstos, por definhamentos devido ao trabalho forçado e sem segurança, por doenças naturais, por falta de assistência médica, por assassinatos que serviriam como exemplos, por tentativas de fugas. Não há um futuro compensador para o mineiro-ervateiro, abandonado à própria sorte, a sua única certeza é a morte.

Diante disso, presencia-se o homem vulnerável à derrota em todos os sentidos, tanto espiritual como moral e físico, ante o poderio das forças contrárias, o do capitalismo da Companhia de erva-mate. Resta uma conclusão: “tudo é assim por assim tem de ser no erval” (DONATO, 1976, p. 190), reflexo do abandono e do conformismo geral. Por isso não há luta, nem esperança de transformar o meio em que vivem. A entrega é, praticamente, total como é total a alienação, devido a falta de consciência de grupo, e o único protesto é a fuga mal sucedida. Portanto, os trabalhadores vivem entorpecidos pela tragédia humana diária e trabalham sob a tensão da morte.

A esperança de liberdade dos ervateiros estava no líder Luisão, que sem medo, lutava pelo fim do monopólio da extração da erva, mostrando aos políticos os desmandos da Companhia. Quando o Governo resolve extinguir o Monopólio da Companhia, é Luisão quem leva a grande notícia aos já enfraquecidos e sofridos ervateiros. A esperança de melhorar estava no fato de agora todos poderem obter a concessão para a extração da erva.

Referências

DONATO, Hernâni. **Selva trágica**: a gesta ervateira do sulestematogrossense. São Paulo: Autores Reunidos, 1959.

_____. **Selva Trágica**. São Paulo: Edibolso, 1976.

HEIDEGGER, Martin. **Ser e tempo**. Trad. Marcia Sá Cavalcante Schuback. 10. ed.
Petrópolis: Vozes, 2001, v. 1.

MARIN, Jérri Roberto. A morte nos ervais de Selva Trágica, de Hernâni Donato. In:
Revista Territórios e Fronteiras. v.3 n.1 – jan/jun. 2010.